

Saberes, Produção Associada e bem viver: A Festa de Troca de Sementes Crioulas em comunidades tradicionais camponesas da baixada cuiabana - MT

Cristiano Apolucena Cabral¹, Luana da Cruz Burema², Edson Caetano³

^{1, 2, 3} Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT. Instituto de Educação. Avenida Fernando Corrêa da Costa, nº 2367. Bairro Boa Esperança. Cuiabá - MT. Brasil.

Autor para correspondência/Author for correspondence: crisprelazia@yahoo.com.br

RESUMO. Este texto tem como objetivo apresentar uma breve discussão acerca da existência da produção associada e agroecológica, da singular cultura do trabalho e da vivência de alguns princípios do Bem-Viver, que dão fundamento histórico para a instituição da 'Festa de troca de sementes crioulas', nas comunidades tradicionais camponesas da baixada cuiabana. Temática essa que vem sendo discutida pelo Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Trabalho e Educação (GEPTE) do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Trata-se de uma pesquisa teórica e de campo sobre o assunto em questão com análises, rodas de conversas e entrevistas.

Palavras-chave: Comunidade Tradicional Camponesa, Produção Associada, Sementes Crioulas, Solidariedade.

Knowledge, Associated Production and *buen vivir*: The Creole Seed Exchange Festival in traditional peasant communities in the Baixada Cuiabana - MT

ABSTRACT. This text aims to present a brief discussion about the existence of the associated production and agro, the unique culture of work and experience of some principles of Bem-Viver, which give the historical basis for the imposition of 'Feast of exchange of seeds crioulas' in traditional communities peasants from cuiabana. This issue is being discussed by the Group of Studies and Research on Work and Education (GEPTE) of the Graduate Program in Education (PPGE) of the Federal University of Mato Grosso (UFMT). It is a theoretical research and field on the matter concerned with analysis, wheels of conversations and interviews.

Keywords: Peasant Traditional Community, Associated Production, Creole Seeds, Solidarity.

Saber, Producción Asociada y buen vivir: El festival de Intercambio de Semillas Criollas en comunidades campesinas tradicionales en la Baixada Cuiabana - MT

RESUMEN. Este texto tiene como objetivo presentar una breve discusión sobre la existencia de producción asociada y agroecológica, la cultura de trabajo única y la experiencia de algunos principios de Well-Living, que dan una base histórica para la institución del 'Seed Exchange Party'. Criollo ', en las comunidades campesinas tradicionales de la Baixada Cuiabana. Este tema ha sido discutido por el Grupo de Estudio e Investigación sobre Trabajo y Educación (GEPTE) del Programa de Posgrado en Educación (PPGE) de la Universidad Federal de Mato Grosso (UFMT). Esta es una investigación teórica y de campo sobre el tema en cuestión con análisis, ruedas de conversación y entrevistas.

Palabras clave: Comunidad Campesina Tradicional, Producción Asociada, Semillas Criollas, Solidaridad.

Introdução

O presente texto é uma pesquisa teórica e de campo em algumas comunidades tradicionais camponesas dos municípios de Nossa Senhora do Livramento e de Jangada, no estado de Mato Grosso. As categorias utilizadas, o método e os sujeitos desta pesquisa estão inseridos no recorte pesquisado pelo Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Trabalho e Educação (GEPTE) do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT).

Estas comunidades, organizadas em unidades de produção familiar (Chayanov, 1974), mantém relações solidárias de cooperações entre as unidades, para a satisfação de suas necessidades materiais e imateriais. Contudo, as limitações históricas de composição da força de trabalho, de natureza, etc. impulsionaram-as a outro nível de organização produtiva: uma produção associada de produtos e saberes e uma produção agroecológica.

A cultura do trabalho surge desta produção da existência, cheia de sentidos, significados, representações de mundo. Assim, desta cultura do trabalho, as características do Bem-Viver (Acosta, 2016) surgem: harmonia com a natureza, proposta alternativa de produção da existência, soberania alimentar, tentativa

de superar a lógica do capital, fortalecimento de saberes populares e tradicionais, tentativas de uma outra relação com o outro, autogestão na produção, proteção do território e da biodiversidade.

São determinações como estas que criaram condições históricas para a instituição das Festas de Troca de Sementes Crioulas nestas comunidades tradicionais. A preservação da semente crioula é a intencionalidade impulsionadora que unifica as diversas comunidades, as famílias, os interesses, as perspectivas, os valores, as atitudes e a representação de mundo.

O método utilizado é o materialismo histórico dialético (Fernandes, 1978; Gadotti, 2010; Harnecker, 1973). Neste, o critério de análise é a história concreta, dialética, contraditória e processual, à qual tem como fundamento ontológico o trabalho (Lukács, 2013), o qual é o princípio constituidor da própria humanidade ativa e pensante, sendo assim, um princípio educativo (Lukács, 2013). Quanto à metodologia, isto é, os instrumentos de pesquisa, foram utilizados a observação do processo produtivo da Festa de Troca de Sementes Crioulas destas comunidades os diálogos, entrevistas e rodas de conversas com alguns moradores.

O objetivo é analisar uma alternativa do processo de produção, distribuição, circulação e consumo do modo de produção capitalista. Especialmente do capitalismo territorializado no campo. O qual mercantiliza a força de trabalho (Marx, 1980) e mercantiliza o produto mais necessário à vida humana: o alimento. Mercantilização esta que tem por intenção primordial, o lucro.

À vista desse controle sobre a produção e trabalhadores e trabalhadoras, que o capital institui uma nova determinação às relações: a sua fetichização (Marx, 1988). Em que a relação entre pessoas tornou-se relação entre coisas (idem), entre mercadorias. Isto é, enquanto às pessoas mantém a relação material entre elas, as mercadorias mantêm uma relação social (Ibidem).

A Festa de Troca de Sementes Crioulas - construída a partir da existência de uma produção associada e agroecológica, da singular cultura do trabalho que efetiva, paulatinamente, princípios do Bem-Viver - rompe com diversos imperativos do capital, se alicerçando como uma produção não-capitalista (Luxemburgo, 1985) e criando condições para uma nova relação, não de coisas, mas de pessoas.

O capital vai ao campo: monocultura, agrotóxico e mercantilização das relações e das sementes

Com a territorialização do capitalismo no campo, a produção possui uma única intencionalidade: tornar sua mercadoria fonte de lucro. Esta produção, em Mato Grosso se resume a pouquíssimas mercadorias: gado, soja, milho, algodão e cana-de-açúcar, ocupando mais de 90% da terra agricultável. Com o monopólio da terra a monocultura se efetiva na ocupação de 39.235.900 hectares (Cabral, 2017). Esta é a força da mercantilização de alimentos na intencionalidade do lucro e seu consequente controle dos preços: "no mercado mundial, os oligopólios jogam todo o seu peso para impor os preços dos alimentos - em seu próprio benefício, claro: o preço mais elevado possível". (Ziegler, 2013, p. 157). Mercantilizando os alimentos, produto se de sobrevivência de homens e mulheres, delimita e determina quem viverá ou terá quantidade e qualidade de alimentos necessários à sobrevivência. Para controlar os preços, controlam-se os "setores essenciais da agroindústria, notadamente as sementes, os adubos, os pesticidas, a estocagem, os transportes etc.". (Ziegler, 2013, p. 152). Um oligopólio de poucas empresas que controla todo o processo produtivo e circulativo dos alimentos, sendo, assim,

não só um poder econômico, mas um poder político e social, desequilibrando nações, povos e comunidades, principalmente os mais pobres e miseráveis.

Esta oferta de produtos agrícolas é a oferta de produtos industrializados agrícolas.

Os principais insumos modernos, aí incluídos, quais sejam os fertilizantes e defensivos químicos, combustíveis, rações e concentrados, sementes e mudas etc., criaram importantes nexos de relações interindustriais com a indústria química e petroquímica e com o ramo de produtos alimentares. (Delgado, 1985, p. 88).

Com o comando da industrialização sobre a produção, não somente sobre sementes, adubos, etc., mas sobre defensivos agrícolas que o agrotóxico tornou-se a grande força mercadológica deste sistema direcionado pelo agronegócio. São diversos os seus produtos: inseticidas, pesticidas, herbicidas, fungicidas, formicidas etc. Desta forma, com esta uniformização da produção em largo espaço atraem diversas 'doenças', tornando doente a própria natureza. Necessitando, assim, cada vez mais de 'remédios' industrializados para a sua 'cura'.

O agrotóxico se faz presente na produção do campo de maneira tão onipresente que seus efeitos à fauna, flora,

solo, água, ar, trabalhadores, consumidores etc. são de tal forma devastadores que é um verdadeiro biocídio o que acontece aos passivos dos efeitos do agrotóxico.

Além disso, reduz drasticamente a diversidade de produtos existentes e de riqueza de alimentos.

De fato, as paisagens agrícolas do mundo são destinadas ao plantio de apenas 12 espécies, 23 espécies de hortaliças e 35 espécies de frutas e nozes. Isso significa que não mais de 70 espécies ocupam aproximadamente 1,44 bilhão de hectares de terras hoje cultivadas no mundo. (Altieri, 2012, p. 24).

O capital direciona o que é relevante ou não à vida ecológica e humana. Portanto, com a única intencionalidade de mercantilizar alimentos com a obsessão ao lucro, cria-se a fome.

A fome é produto antes de tudo de uma má distribuição de riqueza e de uma má planificação da economia mundial onde não se procura dar atendimento às necessidades biológicas reais de cada povo, mas apenas às suas necessidades solúveis, ou seja, aquilo que ele é capaz de pagar. (Castro, 1960, p. 29).

Monopólio sobre a terra, monocultivo, mercantilização da força de trabalho e dos alimentos, controle ambicioso sobre os preços, redução e uniformização de alimentos são algumas das premissas históricas desta criação da fome.

A fome não é uma fatalidade inevitável que afeta determinados países. As causas da fome são políticas. Quem controla os recursos naturais (terra, água, sementes), quem permite a produção de alimentos? Quem se beneficia das políticas agrícolas e alimentares? (Esteve, 2017, p. 24).

Alimentos não são somente mercadorias, são instrumentos de poder político, por isso é necessário o seu controle. Controla-se estados, povos, trabalhadores e consumidores. Controla-se a vida: "apenas dez sociedades - entre as quais a Monsanto, a Pioneer e a Syngenta - controlam um terço do mercado mundial de sementes [...]". (Ziegler, 2013, p. 152).

Somente com análises sobre a territorialização do capital no campo e com alternativas que transforme estruturalmente esta realidade que homens e mulheres terão acesso à alimentação, que poderão criar outra sociedade, sobre outras estruturas sociais, econômicas, culturais e políticas.

Comunidades tradicionais camponesas da baixada cuiabana: produção associada e cultura do trabalho como bases para o Bem-Viver

Em Mato Grosso, as comunidades tradicionais camponesas estão localizadas, quase que totalmente, na baixada cuiabana¹. Estas são organizadas por famílias, para a produção material e

imaterial da vida, em territórios possuidores de significados.

Um elemento importante na relação entre populações tradicionais e a natureza é a noção de território que pode ser definido como uma porção da natureza e espaço sobre o qual uma sociedade determinada reivindica e garante a todos, ou a uma parte de seus membros, direitos estáveis de acesso, controle ou uso sobre a totalidade ou parte dos recursos naturais aí existentes que ela deseja ou é de utilizar. (Diegues, 1996, p. 83).

O território, em algumas das comunidades de Nossa Senhora do Livramento e de Jangada, não é somente um espaço de acesso aos recursos naturais, mas, simultaneamente, de acesso à natureza, moradia, lazer, celebração. O espaço vivido é transformado para o aconchego das famílias, em que há gerações moram no mesmo território, em construção de uma cultura tradicional.

Diegues (1996) coloca em evidência, ao definir as culturas tradicionais, a relevância dos manejos dos recursos naturais; do respeito aos ciclos naturais; o respeito à limitação à exploração humana sobre os animais e plantas; e, por fim, a complexidade de conhecimentos herdados para a manutenção do ecossistema.

Como reconheceu Diegues (1996, p. 85), "é importante analisar o sistema de representações, símbolos e mitos que estas populações tradicionais constroem, pois é

com base nele que agem sobre o meio". São as celebrações religiosas abençoando a família, o trabalho, a natureza; são canções de cururu e as danças de siriri (com suas roupas de cores fortes); é a redução em duas estações climáticas (de seca e de chuva); é a esperança da chegada da 'chuva do caju'; etc. que dão sentido à vida nestas comunidades tradicionais da baixada cuiabana. Por isso que Diegues (1996, p. 87) define culturas tradicionais como "padrões de comportamento transmitidos socialmente, modelos mentais usados para perceber, relatar e interpretar o mundo, símbolos, significados socialmente compartilhados".

Outra característica nestas comunidades tradicionais camponesas é o equilíbrio. Ploeg (2016), a partir de Chayanov, analisando o modo de produção camponês, destacou alguns equilíbrios necessários à reprodução da vida camponesa: trabalho-consumoⁱⁱ; utilidade-penosidadeⁱⁱⁱ; pessoa-natureza^{iv}; produção-reprodução^v.

Os equilíbrios chayanovianos são o que constitui e regula a agricultura. Eles modelam e remodelam, dentro de determinados contextos restritos a tempo e lugar, o formato e a fertilidade dos campos, a quantidade e o tipo de gado, os lucros gerados pelas plantações e animais. (Ploeg, 2016, p. 14).

Nestes equilíbrios, trabalho, lazer, convivência, necessidades e penosidade no trabalho entrelaçam-se nas mesmas experiências da vida para a satisfação de necessidades e superação de dificuldades históricas como a limitação natural própria do cerrado, tais como a pobreza do solo para a produção, dificuldades com a quantidade de água, ausência de dinheiro para investimentos em instrumentos para a produção, maior presença de idosos nas comunidades, distância das áreas urbanas, etc.

Nesta dinamização, para a supressão das duas determinações, é que algumas destas comunidades organizaram a sua produção de maneira associada.

Quanto à produção associada, ela pode ser entendida de duas maneiras, não necessariamente excludente: quer como trabalho associado ou processo em que os trabalhadores se associam na produção de bens e serviços, quer como a unidade econômica básica da sociedade dos produtores livres associados. (Tiriba, 2008, p. 81).

Hortas comunitárias, produção coletiva de plantas medicinais, produção coletiva de derivados da mandioca, do leite, da cana-de-açúcar, da banana são algumas das produções associadas vivenciadas por partes destas comunidades tradicionais. Instrumentos, terra, saberes e forças de trabalhos são usados, assim, coletivamente.

A produção associada - à qual fortalece elementos inerentes à própria efetivação do trabalho e apresenta novos elementos - é uma organização educativa, produzindo associadamente saberes (Tiriba & Fischer, 2012). Transformando essa produção material e de saberes em cultura, em trocas "de símbolos, de intenções, de padrões de cultura e de relações, de poder". (Brandão, 2007, p. 08), preservando valores, ideias, saberes, pensamentos, crenças, sentimentos etc. (Brandão, 1985).

Tal realidade é chamada de cultura do trabalho, o qual Palenzuela (1995, p. 13) define como

Conjunto de conocimientos teórico-prácticos, comportamientos, percepciones, actitudes y valores que los individuos adquieren y construyen a partir de su inserción en los procesos de trabajo y/o de la interiorización de la ideología sobre el trabajo, todo lo cual modula su interacción social más allá de su práctica laboral concreta y orienta su específica cosmovisión como miembros de un colectivo determinado.

Na dinamicidade desta cultura do trabalho - a visão de mundo, as atitudes, os comportamentos, o processo de trabalho, a produção associada - a vida possui sentido, a qual é vivenciada não somente no processo de trabalho, mas no tempo livre, o que só foi possível nas comunidades - de produção associada - pela redução da jornada de trabalho e na simultânea

satisfação das necessidades. Desta forma, com a satisfação do reino da necessidade, o reino da liberdade pôde se concretizar na produção da existência, tal como anunciou Marx (2008, p. 1083-1084), respeitando as diferenças históricas e teóricas.

A liberdade nesse domínio só pode consistir nisto: o homem social, os produtores associados regulam racionalmente o intercâmbio material com a natureza, controlam-no coletivamente, sem deixar que seja a força cega que os domina; efetuam-no com o menor dispêndio de energias e nas condições mais adequadas e mais condignas com a natureza humana. Mas esse esforço situar-se-á sempre no reino da necessidade. Além dele começa o desenvolvimento das forças humanas como um fim em si mesmo, o reino genuíno da liberdade, o qual só pode florescer tendo por base o reino da necessidade. E a condição fundamental desse desenvolvimento humano é a redução da jornada de trabalho.

Esta realidade, mesmo em suas limitações e contradições, existe na comunidade tradicional São Manoel do Pari em sua produção associada, à qual é coletivamente pensada e efetivada a partir da satisfação de necessidades materiais e imateriais comuns. Satisfazer estas necessidades de maneira cooperada e autogestionada produz tempo qualitativo e quantitativo. No modo de produção capitalista, o tempo excedente a apropriado pelo capitalista para a extração da mais valia: ao expropriar o trabalho excedente

pagando ao trabalhador somente o trabalho necessário, na mesma jornada de trabalho, o capitalista detém parte do tempo desta jornada de trabalho para si, conseguindo assim a mais valia e, posteriormente, sua concretização com o lucro.

Agora, com estes camponeses detentores de sua própria força de trabalho e meios de produção, produzindo de maneira associada e autogestionada o tempo necessário à produção e reprodução material da vida é reduzido quantitativa e qualitativamente deixando o tempo excedente à liberdade de outras atividades: políticas, festivas, religiosas, educativas, lúdicas, lazeres etc.

Somente quando se efetiva esse reino da liberdade, sempre partindo do reino da necessidade, que se efetivará o Bem-Viver nas comunidades tradicionais camponesas da baixada cuiabana, "o bem-Viver deve ser considerado parte de uma longa busca de alternativas de vida forjadas no calor das lutas populares". (Acosta, 2016, p. 70).

Construindo novas relações de produção, tendo como base a cooperação e solidariedade. Tudo com um propósito: "trata-se de impulsionar uma vida em harmonia dos indivíduos em comunidade como parte da natureza". (Acosta, 2016, p. 85). A organização da vida fundamentadas em equilíbrios facilita esta harmonização,

podendo "construir coletivamente uma nova forma de vida". (Acosta, 2016, p. 23).

Assim, com a produção associada e agroecológica, que criam condições para uma cultura do trabalho singular e vivência de algumas bases do Bem-Viver, que as comunidades tradicionais pesquisadas criaram condições para a construção da experiência da 'Festa de troca de sementes crioulas'.

Troca de saberes e sabores: 'um povo sem sementes é um povo sem história'

Para chegar à identificação com os saberes, os fazeres, o território, os valores, os comportamentos e atitudes, estas comunidades tradicionais camponesas tiveram que recriar diversos atributos presentes na sua produção da existência. Brandão (1984, p. 78) já enunciava que "é com uma nova maneira de recriar, combinar e utilizar símbolos e valores de cultura, que o povo reconstrói a sua própria identidade popular, aquilo que entre outros educadores corresponde, de algum modo, à consciência de classe".

Obviamente que neste processo de 'recriação, combinação e utilização' se utilizam de algumas características do capitalismo e da zona urbana. Ainda assim, estas características não negam estruturalmente esta identificação de camponeses e camponesas enquanto

comunidade tradicional com sentidos, representações, fazeres e saberes singulares.

Ademais, o forte crescimento da agroecologia e sua importante e complexa interação ecológica (Altieri, 2012) nos processos de produção ~~influenciou~~ influenciaram não somente nos fazeres, mas, igualmente nos saberes, sentidos, significados, valores e relações. Em outras palavras, ~~influenciou~~ influenciaram na cultura do trabalho, apontando melhores caminhos ao Bem-Viver.

Neste mundo de significados, com fundamento da práxis material objetiva, formou-se não só os significados das coisas como sentido das coisas, mas também os sentidos humanos, que proporcionam ao homem o acesso ao significado objetivo das coisas. (Kosik, 1976, p. 76).

A agroecologia não é somente uma relação produtiva com a natureza. A natureza precisa também satisfazer suas próprias necessidades. Desta forma, algumas preocupações e cuidados são importantes à própria reprodução das comunidades tradicionais presentes no cerrado da baixada cuiabana, como o favorecimento da diversidade vegetal, a utilização de adubação orgânica, a interação de plantas e animais em um mesmo espaço, o manejo agroecológico, etc. (Altieri, 2012, p. 105-106).

A agroecologia é o estudo holístico dos ecossistemas, abrangendo todos os elementos ambientais e humanos. Sua atenção voltada para a forma, a dinâmica e a função de suas inter-relações, bem como para os processos nos quais estão envolvidas. Uma área usada para a produção agrícola (um campo, por exemplo) é vista como um sistema complexo no qual os processos ecológicos que ocorrem sob condições naturais também podem se realizar, tais como ciclagem de nutrientes, interações predador-presa, competição, simbiose e mudanças decorrentes de sucessões ecológicas. Uma ideia implícita na pesquisa agroecológica é que, ao compreender essas relações e processos ecológicos, os agroecossistemas podem ser manejados de modo a melhorar a produção e torná-la mais sustentável, reduzindo impactos ambientais e sociais negativos e diminuindo o aporte de insumos externos.

A diversidade do agroecossistema é primordial à produção e reprodução da própria existência, satisfazendo as necessidades mais básicas e dispensando o dinheiro. Apresenta uma alternativa de desenvolvimento econômico que não ~~esta~~ está sob o imperativo do dinheiro e do Capital.

Esta diversidade é observada nas produções de: milho, mamão, jiló, laranja, acerola, banana, abobora, batata, mamão, quiabo, caju, abacate, abacaxi, manga, pequi, limão, goiaba, tamarindo, coco, mandioca, feijão, cana-de-açúcar, diversos legumes e verduras (alface, rúcula, cebolinha, coentro).

Na criação de galinha, porco, gado, peixe. "Pode-se concluir que a biodiversidade pertence tanto ao domínio do natural e do cultural, mas é a cultura enquanto conhecimento que permite que as populações tradicionais possam entendê-la, representá-la mentalmente, manuseá-la e, frequentemente, enriquecê-la". (Diegues, 2004, p. 16).

Estas comunidades tradicionais possuem um repertório de conhecimento sobre o ecossistema que as envolve e as fazem apropriar da natureza (Toledo & Berreira-Bassols, 2015): plantas medicinais; frutas; tipos de solos; clima; pragas naturais; a importância do sol, chuva, lua para a produção; a propriedade de rochas; mamíferos; peixes; aves; insetos polinizadores como abelha; etc.

Dessa forma, o saber local abrange conhecimentos detalhados de caráter taxonômico sobre constelações, plantas, animais, fungos, rochas, neves, águas, solos, paisagens e vegetações, ou sobre processos geofísicos, biológicos e ecológicos, tais como movimentos da terra, ciclos climáticos ou hidrológicos, ciclos de vida, período de formação, frutificação, germinação, cio ou nidadação, e fenômenos de recuperação de ecossistemas (sucessão ecológica) e manejo de paisagens. (Toledo & Berreira-Bassols, 2015, p. 97).

Estes saberes tornaram-se costumes nas comunidades. A sua socialização, de geração em geração, conservando e modernizando estruturaram-se como uma

cultura subversiva. Nos dizeres de Thompson (1998, p. 19): "uma cultura tradicional que é, ao mesmo tempo, rebelde". Nesta rebeldia surge uma experiência singular, própria da experiência do Bem-Viver: Festa de Troca de Sementes Crioulas que é organizada por estas comunidades tradicionais, apoiadas e articuladas por entidades como a Comissão Pastoral da Terra^{vi}, rompe com diversos imperativos do capital e propõe uma alternativa de circulação dos produtos do trabalho.

As próprias comunidades autogestionam a organização da festa. Os alimentos para o café da manhã, lanches, almoço são organizados em cooperação e os produtos doados por todos, utilizando suas próprias produções. O barracão utilizado para a festa, quando não já está pronto, é construído em mutirão.

A socialização e cooperação vão além destes momentos. A Festa de Troca de Sementes Crioulas promove momentos em que os saberes populares e conhecimentos científicos dialoguem entre si e sejam socializados a camponeses e camponesas. Saberes sobre quais são as raízes, folhas, cascas de madeiras que podem ser utilizados como remédio e como utilizá-los.

Eis alguns ensinamentos, sobre plantas medicinais, socializados nestas

festas: o chá mineiro, erva nativa no cerrado, contribui na prevenção de eclampses e inchaços durante a gravidez; o poejo é um ótimo remédio para quem tem diabetes, é recomendável que tome todos os dias; o carrapatinho do mato serve para ajudar a equilibrar a pressão e anemia; a carqueja é diurético, ajuda no combate ao reumatismo, diabetes, ajuda na cicatrização de feridas, a emagrecer; a jurubeba é bom para o fígado e diabetes; a couve e o inhame previnem furúnculos e espinhas, são depurativos do sangue, o inhame ainda é muito usado no combate a coceiras na pele; o açafraão também contribui com as funções intestinais, e sua folha pode ser usada para curar asma, bronquite e resfriados. Como os camponeses e camponesas das comunidades diziam: "o cerrado é a nossa farmácia".

Estes se identificam enquanto guardiões e guardiãs do cerrado, dos saberes tradicionais e populares, das plantas medicinais, das frutas, das sementes. Com esta identificação, cooperação, solidariedade, associação da força coletiva para a produção, produção agroecológica que a 'Festa de troca de sementes crioulas' se efetiva enquanto uma consequência histórica destas comunidades tradicionais camponesas.

A riqueza de sementes, mudas de plantas medicinais, de frutas etc. são

enormes^{vii}: pimenta; cara; melão; tansagem; banana; abacaxi; cupuaçu; mamão; dipirona; milho; abóbora; banana; caninha do brejo; cumbaru; algodão; mandioca; coco; caju; açafraão; gergelim; ingá; jambo; feijão; limão; arroz; abacate; vick; camomila; buriti; goiaba; mamona; tamarindo; milho; cumbaru; quiabo; tomate; batata; coentro; maxixe; etc.

Tanto quem leva quanto quem não leva sementes e mudas para a troca, irá adquirir a sua semente ou muda para levar para casa. Ninguém fica excluído do acesso. Na troca, não há a relevância do valor financeiro de mercado, da raridade do produto, do tempo utilizado para produzi-lo, pois o que é relevante é a necessidade do produto e o acesso a partir da solidariedade de todos.

A dinamicidade para encontrar formas de superar as limitações ou nas unidades familiares ou nas comunidades não se restringe à cooperação da força de trabalho em mutirões, em trocas de jornadas de trabalhos, em produção associada ou em produções agroecológicas, mas se estende à troca, gratuita, dos produtos de seus trabalhos familiares ou comunitários. Aqui, dinheiro é, novamente, inexistente.

Contudo, a responsabilidade com a semente, com o adubo, com a planta medicinal não se fixa espacial e

temporalmente à 'Festa de troca de sementes crioulas'. Há, com o registro destes produtos, em um Banco de Informações de Sementes, um mapeamento tanto de qual família e comunidade doaram quanto para qual família e comunidade receberam.

Uma das intenções deste mapeamento é para uma eventual perda tanto para quem trouxe quanto para quem levou poder ter acesso novamente. Nas festas de 2017, por exemplo, em Nossa Senhora do Livramento e em Jangada, foram cadastradas^{viii} 270 e 300 sementes e mudas, respectivamente.

Compartilhar estas sementes, mudas e plantas medicinais é compartilhar os saberes, a cultura tradicional, a cultura de trabalho e a esperança de continuidade desta identidade forjada nas sementes. Assim, mantendo e dando prosseguimento à própria história, pois: um povo sem sementes é um povo sem história.

Considerações finais

As comunidades tradicionais camponesas da baixada cuiabana possuem diversas contradições e limitações. Todavia, umas vivem mais os princípios do Bem-Viver que outras; exemplos são as comunidades São Manoel do Pari, Raizama, Minhocal, Ribeirão das Pedras Acima, entre outras. Tornar o espaço de

produção da existência em território cheio de sentidos e significados que representam a solidariedade, os interesses, as expectativas e os valores comuns é essencial para a vivência dos princípios do Bem-Viver. Pois, não somente as relações, a natureza, o processo de trabalho, mas o território em que vivem possui significado (Palenzuela, 2014).

Nesta territorialidade da cultura de trabalho singular, as comunidades tradicionais poderão romper e superar aos imperativos mais destruidores da vida humana e ecológica do capitalismo. Desta forma, um novo processo de produção, distribuição, circulação e consumo se efetivarão em bases concretas.

Por este motivo, a produção associada, a produção agroecológica, uma singular cultura do trabalho que valorize a cooperação e a solidariedade e, por fim, a vivência na cotidianidade do Bem-Viver são atributos e experiências contra hegemônicas ao capital. Uma experiência entranhada na cultura. Como reconhece Gruppi (1978, p. 73), "a hegemonia, portanto, não é apenas política, mas é também um fato cultural, moral, de concepções de mundo".

Desta maneira, a troca de sementes crioulas, de mudas frutíferas, de plantas medicinais é a concretização não somente de uma alternativa cultural, mas um

empoderamento político destas comunidades, aqui a soberania alimentar entra em pauta.

Assim, soberania alimentar significa que, além de terem acesso aos alimentos, as populações de cada país têm o direito de produzi-los. E é isso que pode garantir a elas a soberania sobre suas existências. O controle da produção dos seus próprios alimentos é fundamental para que as populações tenham garantido o acesso a eles em qualquer época do ano e para que a produção desses alimentos seja adequada ao bioma onde vivem, às suas necessidades nutricionais e aos seus hábitos alimentares. (Stedile & Carvalho, 2012, p. 722).

Rompe-se com o domínio das empresas sobre as sementes e sua comercialização; com a sua mercantilização; com a sua industrialização e, assim, com a fome. Esta é a proposta política presente na 'Festa de troca de sementes crioula' e no conceito de soberania alimentar.

A luta pelas sementes é a luta para se manter os saberes e sabores que se encontram em perigo pela produção industrializada, pela monocultura e uniformização de sementes (com a sua consequente uniformização da saberes e sabores): comer, no entanto, é muito mais do que engolir alimentos". (Esteve, 2017, p. 191).

Assim, com as 'Festas de trocas de sementes crioulas' das comunidades tradicionais camponesas, com todas as suas

limitações e contradições, é proposto uma alternativa à produção da vida material e imaterial, uma nova cultura do trabalho para que a proposta do Bem-Viver tenha de fato um fundamento no trabalho humano para a satisfação de suas necessidades biológica e sociocultural.

Referências

Acosta, A. (2016). *O bem viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos*. s/l: Elefante.

Altieri, M. (2012). *Agroecologia: bases científicas para uma agricultura sustentável*. SP: Expressão Popular.

Brandão, C. R. (1985). *A educação como cultura*. SP: Editora Brasiliense.

Brandão, C. R. (1984). *Saber e ensinar*. Campinas: Papirus.

Brandão, C. R. (2007). *O que é educação*. SP: Brasiliense.

Cabral, C. (2017). O lucro ou as pessoas: a institucionalização do extermínio no campo em função do desenvolvimento do agronegócio. In Werner, I., Guimarães, M., & Witter, T. (Orgs.). *Relatório Estadual de Direitos Humanos e da Terra - Mato Grosso - Brasil* (pp. 145-149). Cuiabá: Associação Antônio Vieira.

Canuto, A. (2012). Comissão Pastoral da Terra (CPT). In Caldart, R., Pereira, I., Alentejano, P., & Frigotto, G. (Orgs.). *Dicionário da educação do campo* (pp. 128-133). SP: Expressão Popular.

Castro, J. (1960). *O livro negro da fome*. SP: Brasiliense.

- Chayanov, A. V. (1974). *La organizacion de launidad económica campesina*. Bueno Aires, Argentina, Ediciones Nueva Vision.
- Delgado, G. (1985). *Capital financeiro e a agricultura no Brasil*. SP: Unicamp.
- Diegues, A. C. (1996). *O mito da natureza intocada*. SP: Hucitec.
- Diegues, A. C., & Viana, V. M. (2004). *Comunidades tradicionais e manejo dos recursos naturais da Mata Atlântica*. SP: Hucitec.
- Esteve, E. V. (2017). *O negócio da comida: quem controla nossa alimentação?* SP: Expressão Popular.
- Fernandes, F. (1978). *Fundamentos empíricos da explicação sociológica*. RJ: Livros técnicos e científicos.
- Gadotti, M. (2010). *Pedagogia da práxis*. SP: Cortez.
- Gruppi, L. (1978). *O conceito de hegemonia em Gramsci*. RJ: Graal.
- Harnecker, M. (1973). *Os conceitos elementais do materialismo histórico*. s/l: s/e.
- Kosik, K. (1976). *Dialética do concreto*. RJ: Paz e Terra.
- Luxemburgo, R. (1985). *A acumulação do capital*. SP: Nova Cultura.
- Lukács, G. (2013). *Para uma ontologia do ser social II*. SP: Boitempo.
- Marx, K. (1988). *O capital. Crítica da economia política. Livro 1 - O processo de produção do capital*. Volume 1. RJ: Bertrand.
- Marx, K. (2008). *O capital. Crítica da economia política. Livro 3 - O processo global de produção capitalista. Volume VI*. RJ: Civilização Brasileira.
- Marx, K. (1980). *O capital. Crítica da economia política. Livro 1 - O processo de produção do capital. Volume 2*. RJ: Civilização Brasileira.
- Palenzuela, P. (1995). *Las culturas del trabajo: una aproximación antropológica*. Sociología del trabajo, 24, 3-28.
- Palenzuela, P. (2014). *Culturas del trabajo e identidad local: pescadores y mineros en Quebec*. Sociología del Trabajo, 81, 68-89.
- Ploeg, J. D. V. D. (2016). *Camponeses e a arte da agricultura*. SP: Editora Unesp.
- Stedile, J. P., & Carvalho, H. M. Soberania alimentar. (2012). In Caldart, R., Pereira, I., Alentejano, P., & Frigotto, G. (Orgs.). *Dicionário da educação do campo* (pp. 714-723). SP: Expressão Popular.
- Thompson, E. P. (1998). *Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Tiriba, L. (2008). *Cultura do trabalho, autogestão e formação de trabalhadores associados: questão de pesquisa*. *Perspectiva*, 26(1), 69-94. <https://doi.org/10.5007/2175-795x.2008v26n1p69>
- Tiriba, L., & Fischer, Maria C. B. (2012). *Produção associada e autogestão*. In Caldart, R., Pereira, I., Alentejano, P., & Frigotto, G. (Org.). *Dicionário da educação do campo* (pp. 612-618). SP: Expressão Popular.
- Toledo, V., M., & Barrera-Bassols, N. (2015). *A memória biocultural. A importância ecológica das sabedorias tradicionais*. SP: Expressão Popular.

Ziegler, J. (2013). *Destruição em massa. Geopolítica da fome*. SP: Cortez.

ⁱ O Território da Cidadania Baixada Cuiabana, ou como é chamada Baixada Cuiabana, é uma região pertencente ao estado de Mato Grosso e possui 14 municípios, sendo eles Acorizal, Barão de Melgaço, Campo Verde, Chapada dos Guimarães, Cuiabá, Jangada, Nobres, Nossa Senhora do Livramento, Nova Brasilândia, Planalto da Serra, Poconé, Rosário Oeste, Santo Antônio do Leverger e Várzea Grande.

ⁱⁱ A intensificação quantitativa e qualitativa está em plena relação às necessidades familiares. Esta determina aquela.

ⁱⁱⁱ Só é aceitável a penosidade na jornada de trabalho, se todo este esforço for útil à reprodução da vida na comunidade. Se os benefícios são maiores que a penosidade, é aceito.

^{iv} Relação de cuidado com a natureza, pois é a partir dela que se poderá manter-se vivo.

^v É extremamente necessário e relevante a manutenção da própria produção material, com seus instrumentos e natureza, para a contínua reprodução. Assim, é preciso a constante reprodução dos materiais utilizados.

^{vi} A Comissão Pastoral da terra, criada em 1975, após encontro de bispos da Amazônia, teve como iniciativa responder os anseios de trabalhadores rurais, posseiros, sem terra, ribeirinhos, camponeses. Posteriormente, se estabeleceu em todos os estados do país. A missão mantém-se na ligação entre uma leitura subversiva do evangelho e uma leitura subversiva da realidade. A sua ação está na formação, organização, dinamização e fortalecimento do protagonismo destes sujeitos sociais na luta pela terra e na luta pela permanência na terra produzindo e reproduzindo a existência de maneira digna (Canuto, 2012).

^{vii} Dados dos arquivos internos da Comissão Pastoral da Terra - MT.

^{viii} Dados dos arquivos internos da Comissão Pastoral da Terra - MT.

Informações do artigo / Article Information

Recebido em : 24/09/2019

Aprovado em: 20/01/2020

Publicado em: 29/05/2020

Received on September 24th, 2019

Accepted on January 20th, 2020

Published on May, 29th, 2020

Contribuições no artigo: O autor Cristiano foi responsável pela elaboração, análise, interpretação dos dados e escrita do artigo. A autora Luana foi responsável pela escrita do artigo e revisão do conteúdo do manuscrito. O autor Edson Caetano foi responsável pela revisão e aprovação da versão final a ser publicada. Os autores foram responsáveis pela aprovação da versão final publicada.

Author Contributions: The author Cristiano was responsible for the elaboration, analysis, interpretation of data and writing of the article. The author Luana was responsible for revising the content of the manuscript. The author Edson Caetano was responsible for the review the manuscript; the authors approved the final published version.

Conflitos de interesse: Os autores declararam não haver nenhum conflito de interesse referente a este artigo.

Conflict of Interest: None reported.

Orcid

Cristiano Apolucena Cabral



<http://orcid.org/0000-0003-3770-5648>

Luana da Cruz Burema



<http://orcid.org/0000-0002-4886-5316>

Edson Caetano



<http://orcid.org/0000-0001-9906-0692>

Como citar este artigo / How to cite this article

APA

Cabral, C. A., Burema, L. C., & Caetano, E. (2020). Saberes, Produção Associada e bem viver: A Festa de Troca de Sementes Crioulas em comunidades tradicionais camponesas da baixada cuiabana - MT. *Rev. Bras. Educ. Camp.*, 5, e7672. <http://dx.doi.org/10.20873/uft.rbec.e7672>

ABNT

CABRAL, C. A.; BUREMA, L. C.; CAETANO, E. Saberes, Produção Associada e bem viver: A Festa de Troca de Sementes Crioulas em comunidades tradicionais camponesas da baixada cuiabana - MT. *Rev. Bras. Educ. Camp.*, Tocantinópolis, v. 5, e7672, 2020. <http://dx.doi.org/10.20873/uft.rbec.e7672>